

Então... Acho que a criança morreu!

Fernando Bueno Neves¹

1 Acadêmico do curso de Medicina, Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis.

Submetido em 26 de junho de 2018.

Aprovado em 26 de junho de 2018.

Então... Acho que a criança morreu.

Como que eu ia dar essa notícia?

Talvez "o seu feto morreu"?

Não.

"Eu acho que o coração não tá batendo"?

Nossa, com certeza não.

Ou... "precisamos fazer um ultrassom antes"?

Sim - definitivamente um ultrassom antes. Isso. Ultrassom para confirmar.

Mas a verdade é que eu achava que a criança tinha morrido mesmo.

Eu já tinha dado uma notícia de morte uma vez - e foi terrível em todos os sentidos terríveis de "terrível" que você pode imaginar. Mais sobre isso em um conto futuro.

Mas voltemos pra situação aqui. Eu estava de plantão em uma maternidade aqui de Florianópolis. Eu segurava um sonar sobre a barriga de uma mulher no final da gravidez. Com o gel deslizando pela pele, eu tentava (com algum desespero) procurar o coração da criança.

O grande problema dessa história: eu estava nessa há três minutos.

Quatro, agora.

"Está tudo bem?", a moça me perguntou, seus olhos arregalados me encarando.

"Sim, eu só não achei ele ainda."

Que bom que ela não entendeu de primeira o quão idiota era a minha resposta. Em outras palavras: sim, está tudo bem... eu só não ouvi o coração bater ainda.

Continuei manipulando o sonar - os olhos também apavorados do marido mirando as minhas costas. Tentei no fundo do útero, em volta... desci para em torno do umbigo...

Cinco minutos - e nada.

“Hoje tá difícil, né.” Falei por obrigação - para cortar a morbidez do meu próprio silêncio. “É sempre assim difícil de achar?”

“Não”, a gestante respondeu. “Sempre acham fácil.”

Que maravilha, pensei. E continuei procurando. Agora na lateral direita... na lateral esquerda... indo para o púbis...

E nada.

“Tá tudo bem mesmo?”, o pai do feto possivelmente morto perguntou.

“Eu vou perguntar para a médica aqui dar uma olhada melhor. Pode ser? Vocês podem ficar aqui, por favor.”

E com isso eu me despedi - às pressas, e com vergonha - do casal aterrorizado. Como que eu ia dar aquela notícia? Eu já tinha repetido pelo menos umas quatrocentas vezes o exame de batimento cardíaco fetal, e nunca tinha demorado mais de um minuto para achar o coração.

Nunca tinha demorado mais de um minuto... em fetos vivos.

Eu encontrei a obstetra de plantão e passei o caso. Trinta e nove semanas; segunda gestação; pré-natal sem particularidades. E que não tinha ouvido o coração da criança.

A médica me retornou um olhar grave, de quem compreendia exatamente o que eu estava falando.

Ela então entrou no consultório comigo atrás, se identificado e dizendo que gostaria de confirmar o exame.

O casal não falou nada. Trocaram apenas um curto olhar de desespero, e - como que rezando - a gestante esperou o sonar com gel novamente tocar o seu abdome.

Eu fiquei do lado da porta, mãos cruzadas atrás do corpo, pensando em como que nós daríamos aquela notícia.

Como que eles teriam que doar todas as roupinhas, todos os enfeites. Como teriam que, depois de uma gestação praticamente completa, entender que às vezes... a natureza simplesmente não quer. E ao mesmo tempo em que eu pensava isso, eu sabia que eu não entendia nada. Não entendia nada do que eles estavam sentindo ou iriam sentir.

E eu esperava nunca entender.

A médica encostou o sonar.

Quase que no mesmo instante, as batidas do coração explodiram pela sala - em alto e bom som. Saudáveis. Sem nem uma arritmia.

A médica só me olhou misturando graça e reprovação.

Olharam-me, também, a mãe e o pai de uma criança saudável. Risonhos, apesar do estresse pós-traumático (em que eu mesmo os coloquei).

Como é bom estar errado, pensei. Às vezes.